

PREÇO DE ASSINATURAS:

Serie de 10 numeros... 4\$50
Numero avulso..... \$50

ANÚNCIOS:

Contrato especial

Não se restituem originaes,
quer sejam ou não publicados.

SECRETARIO DA REDACÇÃO

JOSÉ MATOSO

ADMINISTRADOR

JOSÉ S. LEAL

Terra Algarvia

GAZETA SEMANAL REGIONALISTA E LITERARIA

REDACÇÃO PROVISORIA

Rua da Amendoeira—LAGOS

DIRECTORES e EDITORES

José Lamy da Costa Reis e Olegário d'Oliveira Encarnação

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo Antonio

O ANO NOVO

Estamos no primeiro dia de 1928.

Quantas preces, por êsse mundo fóra, se farão para que o novo ano traga melhores dias do que os dos anos transatos?!...

A "Terra Algarvia" também se curva perante o recém-nascido 1928, pedindo-lhe ferverosamente, para os seus assinantes, colaboradores e leitores uma nova era cheia de riquezas e felicidades.

O nosso aparecimento

Excedeu toda a nossa expectativa, o entusiasmo e carinho com que foi acolhido o aparecimento do nosso jornal. Raros foram os exemplares devolvidos, e isso, mostra bem claramente o apreço em que foi tido o nosso esforço, e que muito nos compensará das inúmeras contrariedades porque teremos de passar.

A's pessoas amigas que nos felicitaram e á imprensa que de nós se ocupou, os nossos melhores agradecimentos.

Atraso forçado

Pelas dificuldades que temos tido em arranjar as moradas das pessoas a quem o nosso jornal pode interessar, só tarde lhes enviamos o nosso primeiro numero. A todos pedimos mil desculpas.

Uma necessidade

E' para lamentar que havendo aproximadamente seis anos que foi inaugurada a linha ferrea Portimão-Lagos, ainda a gare desta estação se encontre desprovida de marquise, falta imperdoável que deveria já ter sido suprida.

Porem, nem o Estado durante a sua administração, nem a C. P. arrendataria de agora, se lembraram de que o facto representa um desprezo inqualificavel pelos direitos do passageiro que, em dias de inverno, como os que vão correndo, tem a pouca sorte de vir desembarcar neste cantinho de terra algarvia numa gare completamente desabrigada, exposta a todas as intemperies e que certamente com pouca vontade ficará de nos visitar de novo.

Porque é uma necessidade a que urge atender, apelamos para quem de direito, na cesteza de que, porque é justa a nossa reclamação, a nossa voz será ouvida.

Cobranças

Tencionando pôr á cobrança na proxima semana os recibos referentes á assinatura dos primeiros dez numeros deste jornal, pedimos a todas as pessoas que com ela nos honraram, o seu bom acolhimento, lembrando-lhes que sem ele perigaria muito a nossa vitalidade.

O PROBLEMA DA INSTRUÇÃO

Causa pena o desdém com que os homens públicos olham o problema da instrução, sem deixar de reconhecer, ao menos assim o afirmam constantemente, que esses problemas são de base indiscutível para toda a engrenagem da vida.

As escolas públicas seguem a sua interminável e tortuosa linha; não têm condição alguma vital; as creanças assistem mal alimentadas, por vezes quasi famintas, mal vestidas, rôtas e descalças. Governos e poderosos dormem tranquilos, sem compreender que tal desleixo pode ser a sua ruína.

O problema da instrução urge ser olhado com olhos de ver, com atenção, com intelligencia. O Estado faz-se surdo, e se vós, os Crésus novos, os enriquecidos nestes ultimos vinte anos, os traficantes afortunados e endeusados, seguís também o mesmo caminho, correis o perigo eminente de que por força, essas creanças que amanhã serão homens e que não quereis proteger agora, principalmente em vosso beneficio, se transformem em perigosos elementos.

Se dos nossos poderosos, daqueles que têm que perder, partissem rasgos de generosidade, organisando colonias escolares, seria um passo para deter a enorme corrente, que avança, corrente que, mal dirigida e peor aconselhada, chegará sedenta de nivelações sociaes.

Que grandioso seria, por exemplo, que as creanças nas escolas, além do pão do espirito pudessem também haver o do corpo! Rasgos taes desenvolviam no espirito da creança o amor aos seus semelhantes.

Não há que sair daqui: ou se governa bem e atende a essas creanças, futuros cidadãos, isto é, se dispõem as coisas em favor dos numerosos necessitados, ou se corre o perigo, mais próximo talvez do que o que parece, de que sejam eles quem disponham de tudo quanto hoje necessitam ou de mais ainda, não guardando para as outras classes, como dizem que sucede na Rússia, sem a menor parcela de piedade.

Em nenhuma cidade do mundo se vêem creanças aos grupos pelas ruas. Estão nas escolas, em suas casas, nas oficinas: abandonados na rua, nunca. E' bom que das nossas ruas desapareçam essas creanças, matéria quasi certa de presidiario ou assassino, ameaça constante e futura contra a sociedade e golpe provavel contra os poderosos...

O Natal dos pobresinhos

Conforme havíamos noticiado, realizou-se no dia de Natal, no Cine-Teatro Ideal, a matiné dedicada ás creanças pobres desta cidade, simpática e altruista iniciativa do Grupo Dramatico Algarve, cujos componentes estão sempre prontos a dar o melhor do seu esforço e boa vontade em prol dos que, menos bafejados pela sorte, vegetam neste mundo de desenganos e infortúnios. Do de ver minuciosamente o Desc. e aquelas 3 horas de gar- que foram, e ficarão eternamen- galhada, q. na mente juvenil da te gravadas, ria tarefa ardua em pequenada, se o nosso entendi- demasia para rimos cronistas mento de paupé. metessemos de ocasião, se a el. e metessemos hombros.

Limitar-nos-hemos, portanto, a descrever de relação que no Cine vimos.

Abriu o espectáculo em breves palavras o nosso presado assinante sr. Antonio Ferreira, seguindo-se-lhe a comedia em 1 acto «A Prima Francisca», desempenhada com agrado pelos amadores daquele grupo srs, Sebastião Murtinheira, Máximo Borba Martins e Antonio Moraes da Silva, que conseguiram manter os pequeninos em constante hilaridade, apoz o que foram servidos bolos a todas as criancinhas presentes por diversas meninas que a isso gentilmente se prestaram.

Fechou o espectáculo com um gracioso acto de variedades em que tomaram parte entre muitos amadores de ambos os sexos, as simpaticas meninas Elyra e Angelina Murtinheira, Ester Cintra Silveira, Adelina Dias Macarrão e a pequena Maria Carolina que pela sua tenra idade e pela forma como disse a sua poesia conquistou todos os assistentes.

Abrilhou o espectáculo tocando alguns numeros do seu vasto repertorio, com geral agrado e acompanhando os cançone- tista Mademoiselle Rosa Abreu que gentilmente para isso se ofereceu.

A todos, e mui especialmente ao nosso presado assinante sr. Se-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

MULHERES ESTRANHAS

I

A MORENA DAS MÃOS BRANCAS

O teu perfil hierático de morena
da-te a graça irreai duma virgem judia
e a escultura do corpo, o teu andar de selena
a tua bôca em sangue — dizem que és algarvia

Estorces num riso os lábios. E a falena
doirada as asas abre á ironia
do teu olhar voluptuoso. E' de assucena
a côr das tuas mãos. Mais brancas não havia!

Nas tardes outonais em que o crepusculo adoece
para morrer em sombras misteriosas
emquanto a noite acorda e toda a luz fenece,

eu quizeria morrer em teus braços ó virgem
num campo de amendoeiras lindas e viçosas
— cheio de amor numa brutal vertigem.

(INEDITO)

Jorge Ramos

Ainda em duas palavras

Bóas Festas! Parabens
pelo novo jornal, mas lem-
bra-te do que te digo: « não
lhe auguro longa vida ».

Isto foi-nos dito em pleno
dia do Natal, dia do Nasci-
mento de Nosso Senhor Jesus
Cristo, dia do Nascimento
da « Terra Algarvia », por
um simpático dandy, que de
vez em quando vemos pavonear-se pelas ruas de Lagos,
com o seu casaquinho curto,
calcinha á charleston e caju-
dinho no braço, com ares de
pessoa ilustradíssima.

Agradecido, lhe responde-
mos, e se não nos augura
longa vida ao jornal, cale-
se, guarde a sua opinião e
não nos venha agoirar com
os seus ares de quem sabe,
sem nada saber.

Não nos podemos basear
nos princípios de Lavoisier,
pois temos por lema:

« Quem nasce morre ».
E para se morrer, é preci-
so que se nasça.

O nosso jornal, a nossa

**Se tendes amor ao
progresso da vossa
terra, assinae a
« Terra Algarvia »**

« Terra Algarvia, » morrerá;
mas, enquanto viver, traba-
lhará pelo progresso da nos-
sa terra, d'esta terra que
precisa de ser olhada com
carinho e com disvelo por
todos os que se dizem laco-
brigenses, filhos ou amigos
dos lacobrigenses.

Não encontrarão os politi-
cos, em nós directores, uns
testas de ferro, que consita-
mos que venham defender,

nas colunas do nosso jornal,
os seus crêdos.

Tambem não permitire-
mos aos que digam anti-po-
líticos, que guerreiam os po-
líticos.

Em todas as classes, em
todos os homens, encontra-
mos os bons e os maus.

E' com a colaboração dos
bons, que nós contamos, quer
sejam políticos quer não.

Lagos não deve ter um
jornal?

E' isto que nós pergunta-

Anuncios e assina-
turas para este jornal
recebem-se na Hava-
neza Pedro Dias-Lagos.

mos aos ciganos que nos au-
guram curta vida.

Lagos não tem comercio?
Não tem industria? Não tem
probabilidades de ser, de fu-
turo, uma grande cidade?
Não necessita de um eco que
se aproxime dos seus filhos
ausentes a dar-lhes noticias
por que eles tanto anseiam?

Que se atreva um lacobri-
genze a responder negativa-
mente, e fará uma brilhante
figura, a de um traidor á
sua terra, á terra dos seus
filhos, da sua familia.

Isto foi o que nós explica-
mos ao tal dandy de braços
apagados, tendo-lhes dado
ainda mais explicações que
no proximo numero publica-
mos para o leitor curioso
se inteirar bem dos nossos
intentos, que só tem um fim
unico:

O engrandecimento de La-
gos.

Book-Notes

Quadras de Portugal

Esquecer-te não consigo
Desde o dia em que te vi,
Se durmo... sonho contigo,
Se acordo... lá penso em ti!

Se duvidas minha louca,
Do fogo desta paixão,
Não oigas a minha bôca,
Vem ouvir meu coração.

Delivrance

No passado dia 26, teve a sua
delivrance, dando á luz duas in-
teressantes creanças do sexo mas-
culino, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel
Paes Pinção da Costa Reis, es-
posa do nosso querido Director,
Sr. José Lamy da Costa Reis.
Mãe e filhos encontram-se de
perfeita saúde.

Ano Bom

Festejando o inicio do novo ano,
realizam-se neste dia, no Club
Artístico Lacobrigense e no Club
Metalurgico, os tradicionaes bai-
les que prometem estar muito
concorridos.

Tambem nos consta que na
Sociedade Filarmonica, haverá
reunião familiar.

Baile de caridade

No dia 25, realisou-se na Sé-
de dos Escoteiros desta cidade,
um baile, que decorreu muito
animado, graças aos esforços em-
pregados pelo Dig.^{mo} Chefe da-
quele simpático grupo, sr. Fran-
cisco dos Reis Pio, que encon-
trou na colaboração desinteres-
sada dos artistas e amadores mu-
sicaes, os requisitos necessarios
para o brilho com que decorreu
o mesmo.

Assim, lá vimos prestando o
seu valioso concurso na parte
musical, os distinctos artistas
J. J. Valente, J. Penha, Araújo
e José Reis, e os habéis amadores
J. Rojado, Falcé, Julio e Antonio
Policarpo, tendo-se salientado
pelo seu vasto repertorio, que
soube desenvolver com maestria,
a novel pianista, Ex.^{ma} Sr.^a D.
Rosa Abreu.

No decorrer do baile foi abert-
ta uma quete que reverteu em
favôr dos pobres d'esta cidade.

O NATAL
dos
POBRESINHOS(CONTINUAÇÃO DA 1.^a PAGINA)

bastião Murtinheira principal or-
ganizador desta festa, enviamos
de aqui um abraço de sinceras
felicitações como incentivo a fu-
turos empreendimentos.

Companhia ALMA

Consta que visitará brevemente
esta cidade a companhia es-
panhola « Alma ».

Tambem ao que parece nos
visitarão as « Violetas » gentil gru-
po de artistas que muito tem
agradado nos teatros onde se
tem exibido.

Este numero foi visado pela
Autoridade Administrativa
de Vila Real de S. Antonio

A ORAÇÃO DO
INCREDULO

Pomo-la na boca de Rava-
chol, porque nos pareceu ade-
quada ao seu caracter violento
e exterminador.

No café onde se juntava com-
nosco, todas as noites era o
verdadeiro inimigo de todo o
existente. Vociferava, aturdia.

Falava contra todos. Em suas
perorações de louco partia co-
pos, garrafas, tudo o que apa-
nhava á mão... Era terrivel.
Profunda e absolutamente ateu,
blasonava de incredulidade com
vaidade e ufania.

Vivia só em um casarão
imenso que chovia, comprado
com as suas economias de mui-
tos anos de privações.

Não tinha familia. A mim, no
fim de tudo, fazia-me lástima
aquele homem tremendo e ira-
cundo que assim ia arrastando
o fardo cruel da vida.

Uma tarde, ao sair-mos do
café, coincidimos no caminho.

Eu tinha um namoro e ia
falar-lhe. Ele não me disse aon-
de se dirigia; porém foi comigo,
acompanhou-me até á rua da
Alfandega.

E qual não foi a minha ex-
tranheza, quando ao chegar á
Igreja da Conceição Velha o
irredutivel iconoclasta, o terrivel
Ravachol, o contumaz, me disse:

— Até logo, vou até á Igreja!
Tenho que rezar!

Fiquei espantado, como quem
vê voar a um camelo.

— Rezar! — disse — Pois eu
tambem vou. E entrei com ele.

Nunca na minha vida con-
templei fervor igual. Ajoelhado
ante um altar, mastigando uma
oração torpemente recordada,
espantei-me ao ver o Ravachol,
todo contrito e choroso, como
um verdadeiro penitente.

Maravilhado, contemplei-o e
assim que chegámos á rua não
pude deixar de expressar-lhe a
minha surpresa.

Isto é simplesmente por aca-
so — me disse.

E' claro que não me satisfiz.
E indaguei, daquele homem
impenetravel, descobrindo-me o
segredo da sua vida, disse-me
assim:

Não te rias, pois o que vou
contar-te é rigorosamente ver-
dadeiro.

Constitue, por assim dizer, a
minha vida inteira.

Atavismo ou sugestão? Não
sei.

Escuta, porém: tu crês em
milagres? — Homem! Lá isso...
— contestei, para dizer alguma
coisa.

Pois bem. Ouve. Corriam os
primeiros anos da minha triste
mocidade. Vítima de uma das
minhas loucuras caracteristicas,
achava-me na miseria. Havia-

me enamorado e arruinado si-
multaneamente. O meu porvir
era incerto e os meus dias uma
série de humilhações e de der-
rotas de que não há exemplo.
Pouco a pouco sentia-me ir ar-
rastando para os abismos da
abjeção e do vicio e chegou um
desses momentos terríveis em
que numa hora se decide da
vida de uma pessoa. Faminto
e instigado pela necessidade,
corri Lisboa inteira sem encon-
trar mais que conselhos, desilu-
sões e angústias. E sem saber
porquê, trémulo de frio e fome,
desejando cerrar os olhos e
morrer, entrei nesta igreja...
Em minha imaginação sucedi-
am-se uma serie de ideias ab-
surdas, metade produto de meus
pesadelos e metade produto des-
sas lendas e superstições que
nos fazem crer em milagres
quando somos crianças. Espe-
raria eu algum? Quem sabe?...
Havia dois dias que não comia!
Dois dias!... O mais cobarde
de todos os animais é o homem,
que podendo evitar os seus
males dando-se a morte, é tão
pusilanime que não tem coragem
para isso.

Eu havia pensado muitas ve-
zes em eliminar-me do mundo
e, contudo, pareceu-me preferi-
vel continuar vivendo em plena
agonia dolorosa... Como te
disse, entrei na igreja e o que
vi primeiro com os meus olhos
nublados e sem vista, foi um
Menino Jesus, nédio e sorriden-
te, que parecia atender-me só a
mim, dedicando-me aquele sor-
riso de luz, tão doce, da sua
boquita divina...

Eu persignei-me estupida-
mente e estupidamente caí de
joelhos.

Necessitava chorar ante al-
guem que não fosse homem.
Sem saber como, pedi-lhe um
milagre: um pedacinho de pão.
E ao erguer-me, quando, para
não cair com o esforço dispen-
dido, apoiei a minha mão no
solo, toquei com ela em uma
moeda, uma moeda de ouro!...

Escuso dizer-te que comi na-
quele dia e no seguinte, e no
outro, e ainda no outro!...
Aquela moeda foi o meu ta-
lismán.

Graças a ela refiz as minhas
forças, recobrei energias, pude
lutar, pude enfim trabalhar.

E desde então tornei-me ava-
ro. Do que auferia trabalhando,
do que me sobejava depois de
satisfeitas as minhas necessida-
des mais perentorias, formei o
empenho de honra de ir ajun-
tando para ofertar ao Menino
Jesus a sua divida.

(CONTINUA NA 3.^a PAGINA)

NÃO HA CALOR NO SOL

Uma revolucionária teoria de um cientista italiano

O professor e sabio italiano Edmondo Vicentini cujas pesquisas no munda da química astronómica-física o tornaram mundialmente conhecido nos meios scientificos, anuncia a teoria revolucionaria em que afirma que não só o sol é frio, como dele não irradia nem luz nem calor.

Se o sol fosse uma massa incandescente, como é geralmente aceite, diz o professor Vicentini, esta achar-se-hia exausta num periodo de mil anos. O calor e a luz que dão vida ao nosso planeta, são produzidos por frios raios electricos emanado do sol.

Exatamente como acontece numa corrente eléctrica que embora não seja nem luminosa nem quente, produz contudo calor e luz resultantes da resistencia encontrada na sua passagem atravez dum fio de arame ou outro qualquer condutor, declara ainda o professor Vicentini, assim os frios e invisiveis raios que provêm do sol aquecem e iluminam a nossa atmosfera terreal unicamente pelo motivo da resistencia que a mesma atmosfera opõe á marcha dos mesmos raios.

(De um diario inglez)

F. de P.

A ORAÇÃO DO INCRÉDULO

(CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA)

Eu era outro e não tinha então mais remédio do que pagar-lhe. E consegui-o.

Desde aquêle dia venho todos os dias visita-lo. Somos amigos. Eu falo-lhe como posso e como sei.

Não abjuro dos meus ideais, porque ele me o não exige; mas... acredita, ao que duvidar de Ele, máto-o. Eu não creio em nada lá de cima, graças a Deus; mas no Menino Jesus... Olha!

E desabotoando a camisa, mostrou-me um pequeno Menino Jesus de prata.

Incrédulos!... Ateus!... São todos como Ravachol. Com as vossas crenças no coração, pese a quem pesar, e apesar de todas as vossas tremendas jactancias.

SECÇÃO DOS MESTRES

O SONHO DA FRATERNIDADE

Na antiga Roma, as matronas tinham costume de se dirigir ao Coliseu, com os seus trabalhos de costura, e lá tagarelavam umas com as outras, enquanto se lançavam á arena os mártires cristãos, que deviam defender-se dos ataques dos animais ferozes, aos quais propositadamente se negava alimento, para que a sua ferocidade aumentasse.

As crianças assistiam a este espectáculo horrível e batiam as mãos de contentes, enquanto as mães gozavam, com prazer igual, a agonia dos cristãos que se esforciam dolorosamente, quando as feras os despedaçavam.

Nero habituou-se a iluminar os jardins do palácio com cristãos cobertos de pez e transformados em tochas a arder. Havia também o costume de expor, em lugares desertos, as crianças estropiadas ou de fraca compleição, com o fim de morrerem de fome ou serem devoradas pelos animais selvagens. E da mesma maneira se tratavam as pessoas idosas incapazes de trabalhar.

Não obstante as perseguições de que eram objecto, os cristãos persistiam em obedecer ao Evangelho do amor e em executar a obra de Cristo; e foi assim que, apesar da perseguição, da tortura e da morte, o fermento do cristianismo se multiplicou, lentamente, mas com segurança, até que a antiga Roma pagã, que ainda hoje conserva os seus mais preciosos monumentos, se tornou o centro do cristianismo.

Que poderá dizer-se das perseguições feitas em nome do cristianismo e dos horrores da guerra mundial, das barbarias e atrocidades sem nome praticadas pelos supostos cristãos? Afirmar-se á que, a-par dos males da guerra, é ainda o fermento do amor que opera.

Um americano que combateu nos campos de batalha da Europa, disse: «No lugar do combate, vê-se o inferno escancarado, mas também se vê o céu aberto. O heroismo, a paciência, a abnegação, a alegria no sofrimento, a prontidão em dar a vida para salvar um camarada, têm um significado mais alto e um valor maior que a bravura no combate». Outro disse: O verdadeiro cristianismo evidenciou-se maravilhosamente nos campos da batalha. Era o amor que lá imperava».

Durante a guerra mais terrível da história, houve cópia de testemunhos que afirmam o reinado do amor. Comprova-se esse amor dedicado nos médicos, cirurgiões e enfermeiros do grande exército da Cruz Vermelha que, sem olhar a cranças ou a nacionalidades, ás diferenças de raça ou de convenções sociais, trataram, como se fossem irmãos seus, nos campos de batalha, os soldados feridos, para os conduzir á saúde e á vida.

Quantas vezes não aconteceu que soldados de diferentes nações que eram inimigos fígadais e procuravam a morte um do outro, nos campos de batalha, se tornavam irmãos pelo coração, sem disso mesmo suspeitarem, quando se encontravam um ao lado do outro, numa ambulância da Cruz Vermelha! Longe da atmos-

fera da discórdia, estes homens tornavam-se amigos aprendendo assim alguma cousa da fraternidade.

Os pessimistas só vêm na guerra a falência da civilização e a irrupção do demónio do ódio; mas o amor é mais forte que o ódio, e da morte fará surgir a vida, pois que, até nos campos de batalha, faz a sementeira duma vida nova, que excederá tudo quanto se tem visto até hoje.

Nunca, como agora, se universalizou o lema da Revolução francesa: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade». A guerra nivelou todas as classes e todos os partidos, cujas distinções desapareceram. Desapareceram as barreiras sociais, politicas e religiosas levantadas pelas nações, antes da guerra. Os povos aproximaram-se pela necessidade duma causa comum. Mulheres e homens de todas as classes e de todas as crenças trabalharam juntos, satisfazendo um grande e único fim. Em França, as mulheres da antiga nobreza recolheram em suas casas mulheres e filhos de soldados, a quem dispensaram cuidados de irmãs e irmãos. Mulheres da alta roda entraram para armazens, como caixeiros, e para hotéis e restaurantes, como despenseiras; até substituíram os condutores de ônibus e de automóveis. Mulheres que, até então, não sabiam o que era o trabalho, substituíram os maridos que foram chamados a defender a pátria. E o mesmo se deu na Inglaterra, na América e em todas as nações atingidas pela guerra.

Nunca mais se levantarão as barreiras demolidas pelo amor, pelo espírito da fraternidade humana. Depois da guerra, as nações beligerantes hão-de reconstruir-se sobre bases novas.

Só o tempo pode curar todas as feridas e fazer esquecer todos os males praticados nesta guerra terrível; mas há-de chegar um dia em que as nações se hão-de unir numa fraternidade universal e trabalhar de mãos dadas para o bem do universo. O amor há-de ocupar o lugar do ódio, banindo do mundo a guerra, a vingança, o egoismo e a avareza. As nações saborearam o ódio, que nada edificou e apenas conduziu á guerra e á destruição de tudo o que estava feito com tanto trabalho. A força nunca deu bons resultados. No século XX, não há lugar para os chefes ou para os povos que procuram pela espada o engrandecimento próprio e o domínio mundial. Na nossa época, o caminho da paz é o do progresso.

Julia Ward Howe que, primeiramente com seu marido, Dr. Samuel Howe, e depois viúva e sózinha durante muitos anos, trabalhou sem descanso pelo bem da humanidade, teve uma notável visão duma era nova. Algum tempo antes de expirar, falando dessa visão, dizia:

«Vi homens e mulheres de todos os climas a trabalharem como abelhas na descoberta dos males sociais, na trama do vício e da miséria, na aplicação dos remédios e na determinação das influências que melhor possam

contrabalançar o mal e os sofrimentos que esse mesmo mal arrasta consigo.

«Uma luz nova, maravilhosa, resplandecente, parecia ter surgido, uma luz cuja glória é intraduzível—a luz duma nova esperança e duma ardente simpatia. A origem desta luz era o esforço humano, o fim imortal de milhares de homens e mulheres, a cumprirem a tarefa, que neste mundo lhes foi distribuída.

«Vi homens e mulheres, lado a lado, ombro com ombro, animados duma força comum e invencível que lhes fazia resplandecer as fisionomias duma glória celeste. Todos avançavam para o mesmo fim, para combater o mesmo inimigo e conquistar o mesmo eterno bem.

«Seguidamente, vi a vitória. Todos os males tinham desaparecido da terra. A miséria achava-se vencida. A humanidade tinha-se emancipado e pronta a marchar para a frente numa era de compreensão, de simpatia, de mútuo auxilio; a era do perfeito amor, da paz que ultrapassa toda a compreensão.

Eis o sonho de todos os tempos, a esperança do homem, desde o começo; e cada século ou cada ano que passa mais nos aproxima da realização desse sonho. Não obstante as contradições e as muitas imperfeições dos nossos meios, a pesar dos retrocessos e dos desânimos, o espírito de Cristo, o espírito da fraternidade universal, ganha terreno pouco a pouco e agita a massa humana. O espírito altruista fez mais progressos nestes últimos vinte e cinco anos que nos dois séculos precedentes, conforme se verifica em todos os domínios da vida. Tratam-se mais humanamente, com mais bondade que outrora, em todo o mundo civilizado, os doentes, os pobres, os anciãos, os infelizes, os criminosos.

Basta só pensar nos progressos feitos nos hospitais de alienados. Ainda não há muito tempo que estes desafortunados se tratavam barbaramente; eram presos a cadeias, chicoteados e maltratados de todos os modos, como se não tivessem direito ao nosso amor, á nossa simpatia.

As transformações realizadas nos regimens penitenciários são altamente significativas. Antigamente, os criminosos sofriam barbaridades: cortava-se-lhes os cabelos, queimavam-se-lhes os olhos com um ferro em brasa, mutilavam-se-lhes os corpos com a tortura que se prolongava por alguns dias.

Hoje, nas prisões, um outro tratamento muito mais doce substituiu a antiga lei de «olho por olho, dente por dente», procurando-se efectivamente a regeneração dos criminosos e a sua conversão em cidadãos úteis. O sistema antigo destruía o corpo, depressa o espirito e insensibilizava; por isso a regeneração era raríssima. O novo sistema dá ensejo á reabilitação.

(Continua no proximo numero)

O. S. Marden

Secção Desportiva

O CAMPO DE FOOT-BALL

Com o decorrer da presente estação, aproxima-se a época mais propria para a pratica do shoot.

Esta cidade possuía um regular campo, onde se gastaram uma boa duzia de milhares de escudos, e que está prestes a perder-se por motivo das chuvas.

Os clubs locais sem apoio official, e sem recursos de quaesquer especies, veem desaparecer o unico indicio de vitalidade desportiva de que se ufanavam, e que podiam apresentar a visitantes.

Como recurso ultimo, apelamos para as entidades officaes, que se tem revelado a contento e proveito publico, e estamos certos de que não descurarão a causa desportiva, que é afinal a verdadeira reguladora da civilidade dos povos.

A Camara e o Regimento de Infantaria 15, podem,—com um pouco de boa vontade, prestar á causa da educação fisica, e á cidade, o auxilio de conservação e reparação do campo Atlectico da Trindade, beneficio que todos aguardam e ficarão reconhecidos.

M. C. F.

Modista de chapéus

Francisca dos Santos Macarrão

Rua José Palett—LAGOS

Participa ás suas Ex.^{as} clientes, que acaba de receber uma formosissima coleção de chapéus de feltro que vende ao preço da fabrica.

Calçado ELITE

O melhor, o mais elegante, o mais forte, o mais duradouro incontestavelmente; deve ser sempre preferido a qualquer outro, por quem deseje calçar bem e por modicos preços.

Na Sapataria Ideal

— DE —

Horacio Augusto dos Santos

encontrareis sempre a maior e mais bela variedade dos mais recentes modelos, que recebe semanalmente da fabrica, de que é o unico concessionário em Lagos.

Não deveis comprar sem visitar esta casa, pois só lá encontrareis calçado

Au dernier cri de la mode

Todas as semanas novos modelos para homem e senhora.

Angariar assinaturas para este jornal é contribuir para o desenvolvimento de Lagos.

Raul Taquelim da Cruz

QUINQUILHARIA

Praça Luiz de Camões

LAGOS

**Tintas, Drogas,
Ferragens, etc., etc.**

Não deixem de visitar esta casa que se impõe às suas congêneres, pelo seu sortido e pela modicidade de preços dos seus diversos artigos.

A SOCIAL

DE

Alves Martins, L.^{da}

Praça Luiz de Camões - LAGOS

Os proprietários d'esta casa veem lembrar a todos os seus estimáveis clientes que, aproveitando a ocasião de fim de ano, liquidam quasi todos os seus artigos com grandes reduções de preços.

**VER PARA
ACREDITAR****José Antonio Marreiros****HOTEL
PORTUGAL**

LAGOS

Recomendavel a todos os forasteiros pelo seu magnifico serviço de cosinha, asseio e economia.

JOSÉ DOS REIS LEAL

— LAGOS —

FAZENDAS, ARTIGOS DE NOVIDADE E RETOZEIRO

E' um dos estabelecimentos preferidos pelo seu grande sortido e modicidade de preços.

José d'Abreu PimentaCodigo A. B. C. 5.th Ed.

Telegramas: OYSNE

ALGARVE - LAGOS - PORTUGAL**Agente de varias Companhias de navegação estrangeiras e nacionais.**

Correspondente do BANCO PORTUGUEZ DO CONTINENTE & ILHAS

Agente da Companhia de Seguros FIDELIDADE e outras**IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO****FRUCTOS SECOS DO ALGARVE****CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE E SALMOURA****Comissões, Consignações****:-:-: e conta propria :-:-:****Miguel Henrique da Silva**

RUA DIREITA—LAGOS

Executa com perfeição na sua officina de alfaiataria, fatos para todas as estações a preços de concorrência

ABREU, CINTRA & C.^a

— LAGOS —

Mercearias, Azeites, Legumes, Cereaes e muitos outros artigos recebidos a preços de concorrência.

NÃO DEIXEM DE VISITAR ESTA CASA**Brinquedos e brindes
para o Natal****BAZAR MODERNO**

Praça Gil Eanes — LAGOS

EXPOSIÇÕES PERMANENTES**Postaes Illustrados
desde \$30****Tipografia Socorro**

(MOVIDA A ELECTRICIDADE)

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Execução primorosa e rápida de:

**Jornaes - Revistas - Livros
Estatutos - Relatorios - Balancetes
e toda a qualidade
de impressos para o commercio.**

Viuva de

João Antonio Delgado

Praça Luiz de Camões

LAGOS

Continua como sempre a ter o mais variado sortido de calçado para homens, senhoras e creanças.

**Os mais baixos
preços****Antonio Manoel dos Reis**

Praça Luiz de Camões

LAGOS

Fazendas, retrozaria, modas e confecções.

SEMPRE AOS MELHORES PREÇOS

João Luiz Rodrigues

OURIVESARIA E RELOJOARIA

Rua do Zorro—LAGOS

E' incontestavelmente a casa que melhor compra e vende artigos da sua especialidade

ARNALDO BAPTISTA CORREIA

LAGOS

Comissões, Consignações e
Conta propria

Vende todos os artigos do seu
comercio aos melhores preços

Marreiros & Correia, L.^{da}

Rua Infante de Sagres—LAGOS

A melhor e mais bem montada
officina de serralharia

Deposito da Vacuum Oil Company

Francisco Taquelim da Cruz

LAGOS

Drogas, Ferragens, Ferramentas

Officina de Funileiro

TUDO MAIS BARATO

VER PARA CHER